Uma Europa sob pressão: clima, migração, saúde e guerra em um verão de múltiplas crises

Una Europa bajo presión: clima, migración, salud y guerra en un verano de múltiples crisis

A Europe Under Pressure: Climate, Migration, Health and War in a Summer of Multiple Crises

Ana Helena Gigliotti de Luna Freire

Resumo: Numa quinzena marcada por seca, incêndios, escassez de água, nova tentativa de invasão à Ceuta, expansão do vírus do Nilo Ocidental, Freire retrata uma Europa submetida simultaneamente a crises ambientais, hídricas, migratórias, sanitárias e humanitárias. O ponto comum é a necessidade de maior preparação e coordenação europeia para enfrentar problemas que tendem a se intensificar com as mudanças climáticas e a instabilidade geopolítica, abordado em artigo da recém-criada Comissão Lancet sobre a União Europeia da Saúde.

Palavras-chave: União Europeia; Mudanças climáticas; Crise hídrica; Migração; União Europeia da Saúde.

Resumen: *En una quincena marcada por la sequía, los incendios, la escasez de agua, un nuevo intento de entrada en Ceuta y la expansión del virus del Nilo Occidental, Freire retrata una Europa sometida simultáneamente a crisis ambientales, hídricas, migratorias, sanitarias y humanitarias. El punto en común es la necesidad de una mayor preparación y coordinación europea para hacer frente a problemas que tienden a intensificarse con el cambio climático y la inestabilidad geopolítica, tal como se aborda en un artículo de la recién creada Comisión Lancet sobre la Unión Europea de la Salud.*

Palabras clave: *Unión Europea; Cambio climático; Crisis hídrica; Migración; Unión Europea de la Salud.*

Abstract: *In a fortnight marked by drought, wildfires, water scarcity, a new attempt to enter Ceuta, and the spread of West Nile virus, Freire portrays Europe simultaneously facing environmental, water, migration, health, and humanitarian crises. The common thread is the need for greater European preparedness and coordination to address problems that are likely to intensify with climate change and geopolitical instability, as discussed in an article by the newly established Lancet Commission on the European Health Union.*

Keywords: *European Union; Climate change; Water crisis; Migration; European Health Union.*

A Europa continua a padecer em um de seus verões mais rigorosos da história. Enquanto alguns incêndios florestais arrefecem, como os da França, outros ganham intensidade, como na

Bélgica; muitos países continuam queimando[1]. A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, afirmou recentemente que a Europa está em "alerta elevado de incêndios florestais" e que aumenta a pressão sobre os países da Europa de Leste[2]. A Grécia chegou a registrar mais de 50 incêndios em um período de 24 horas. No norte do país, turistas precisaram fugir para o mar, com auxílio de barcos de pesca, para se proteger de uma cortina de chamas de três quilômetros de extensão, com "paredes" que podiam alcançar 30 metros de altura[3].

O calor recorde deste verão deixou 38% do território europeu em situação de seca[4]. Esta seca que acompanha o calor não provoca apenas incêndios, mas também escassez de água, mais uma grave emergência enfrentada pela Europa. Segundo a Comissão Europeia, atualmente, 30% dos europeus e 20% do território enfrentam escassez de água todos os anos, situação que se agrava com a seca dos solos e redução caudal dos rios. Trata-se de um sistema hídrico explorado à exaustão, associado à poluição e à má gestão, o que compromete as parcas reservas para enfrentar a crise hídrica. A UE lançou a Estratégia para a Resiliência da Água em junho de 2025, buscando tornar o bloco mais resiliente em matéria de recursos hídricos, mas parece estar enxugando gelo.

Segundo matéria da Euronews, o stress hídrico europeu tem várias causas: a Europa depende fortemente da água para a agricultura, a indústria e a produção de energia, o que leva à sobreutilização dos recursos. A Agência Europeia do Ambiente (EEA, na sigla em inglês) indica que as captações totais diminuíram 14% entre 2000 e 2023, mas a UE continua a extrair cerca de 200.000 metros cúbicos por ano, muitas vezes acima das taxas naturais de renovação. Este nível de exploração reduz o caudal dos rios e esgota os aquíferos, deixando menos água disponível em todo o sistema. Novas indústrias intensivas no uso de água, como a produção de semicondutores e os *datacenters*, consomem as reservas ainda mais rapidamente. Embora a reutilização de águas residuais possa reduzir as captações, a Europa recicla apenas 2,4% desse volume. Além disso, perde-se 23% da água tratada devido à má gestão das redes públicas de abastecimento, o que contribui para limitar a oferta. Todo esse cenário é intensificado pela crise climática e pela poluição.

Saindo da crise hídrica para a migratória: 2 semanas após a invasão de Ceuta por milhares de marroquinos, a cena quase se repete. Marrocos reforçou a segurança na região próxima à fronteira com Ceuta, para impedir uma nova onda de entrada irregular de migrantes. As autoridades dizem ter interceptado 111 pessoas, entre elas 109 migrantes da África subsaariana e 2 marroquinos, e detido 61 pessoas acusadas de incentivar a migração irregular nas redes sociais. A operação ocorreu após apelos no Facebook e WhatsApp para repetir a grande tentativa de entrada registada no final de julho. Jornalistas foram expulsos do território[5].

---

[1] https://pt.euronews.com/my-europe/2026/08/17/incendios-na-europa-cidade-fronteirica-alema-parcialmente-evacuada-fogos-em-franca-estabil. Acesso em 17/08/2026.

[2] https://pt.euronews.com/my-europe/2026/08/15/europa-enfrenta-incendios-florestais-devastadores-milhares-de-pessoas-deslocadas. Acesso em 17/08/2026.

[3] https://pt.euronews.com/my-europe/2026/08/14/muralha-de-fogo-obriga-a-evacuacao-por-mar-na-grecia-enquanto-incendios-continuam-a-assola. Acesso em 17/08/2026.

[4] https://pt.euronews.com/my-europe/2026/08/17/como-esta-a-ue-a-combater-a-crescente-escassez-de-agua. Acesso em 17/08/2026.

[5] https://observador.pt/2026/08/15/marrocos-diz-ter-travado-nova-tentativa-de-entrada-de-centenas-de-migrantes-em-ceuta/. Acesso em 17/08/2026.

A pequena cidade de 84 mil habitantes quase novamente invadida, ainda convive com alguns milhares de jovens que estão em acampamentos improvisados na praia. Uma operação especial foi montada para manter limpeza, recolhimento de resíduos e organização do espaço público, o que apenas diminui em parte a sobrecarga. Milhares de menores continuam desprotegidos numa Ceuta sobrecarregada, enquanto Espanha debate a sua transferência para a Península ou o seu eventual regresso a Marrocos. Cerca de 1.500 menores não acompanhados já foram identificados e encontram-se no sistema de proteção, mas estima-se que mais de 4.000 continuem por lá, escondidos ou fora do alcance dos mecanismos de proteção, enquanto os recursos de acolhimento estão sobrecarregados. A situação desencadeou outra crise, desta vez política: o que fazer com eles. Enquanto Ceuta afirma não ter capacidade para assumir sozinha o seu acolhimento, a transferência de menores para a Península divide as comunidades autônomas e o possível regresso de alguns ao Marrocos levanta questões sobre as garantias que devem acompanhar qualquer repatriamento[6].

Excelente artigo publicado na The Lancet em abril de 2026, traz uma retrospectiva da abordagem da saúde pela União Europeia ao longo dos anos, para recomendar que o bloco adote uma postura mais proativa e menos reativa. O texto, elaborado por uma comissão formada por 23 especialistas de 15 países – a Comissão Lancet sobre a União Europeia da Saúde —, defende a criação de uma União Europeia da Saúde (UES) mais forte, integrada e estratégica. Embora ela já exista e a saúde já faça parte das políticas do bloco, o texto expõe sua atuação fragmentada e muitas vezes reativa, surgindo como resposta a crises, surtos infecciosos e a pandemia da Covid-19. De contextos como estes, emergem a criação da Direção-geral de Saúde e Segurança Alimentar, do ECDC e da própria UES. Os autores argumentam que a pandemia mostrou que a cooperação europeia pode gerar benefícios que os países isoladamente não conseguiriam alcançar, como a compra conjunta de vacinas. Como resultado, foram criados mecanismos como o HERA, o programa EU4Health e propostas para um Espaço Europeu de Dados de Saúde. Apesar desses avanços, os autores consideram que as iniciativas atuais ainda formam um conjunto fragmentado, sem uma visão de longo prazo.

Não detalhando como agirá, a Comissão Lancet sobre a União Europeia da Saúde propõe substituir a abordagem atual que chama de “esperar e reagir” por uma estratégia de antecipação e preparação. Defende uma União Europeia da Saúde mais integrada, o que poderia fortalecer os sistemas de saúde, reduzir desigualdades, aumentar a resiliência diante de pandemias, mudanças climáticas e crises econômicas, além de contribuir para a competitividade e o crescimento econômico europeu. O texto também destaca a importância da atuação internacional da UE, especialmente diante da redução do investimento dos EUA em saúde global desde 2025. Assim, a Europa teria a oportunidade — e a responsabilidade — de assumir maior liderança mundial em saúde, baseada em solidariedade, equidade e direitos humanos. Por fim, a Comissão pretende desenvolver recomendações concretas em sete áreas principais: instituições e políticas de saúde da UE; integração e geração de valor; coesão social e desigualdades; resiliência diante de crises; saúde como motor econômico; abordagem intersetorial de saúde; e liderança europeia em saúde global.

Enquanto isso, a situação epidemiológica do vírus do Nilo Ocidental na Grécia se agrava de forma significativa durante o verão de 2026, com dezenas de novos casos registrados em

[6] https://pt.euronews.com/my-europe/2026/08/14/menores-desprotegidos-e-possiveis-repatriamentos-ilegais-ong-alertam-para-crise-humanitari. Acesso em 17/08/2026.

apenas uma semana. Na última semana, foram diagnosticados ou notificados 45 novos casos no país. De acordo com o boletim semanal de vigilância epidemiológica da autoridade egípcia competente, até 12 de agosto de 2026, foram diagnosticados e notificados 110 casos autóctones de infeção pelo vírus do Nilo Ocidental. Destes, 81 apresentaram manifestações do Sistema Nervoso Central (SNC), como encefalite, meningite, meningoencefalite ou paralisia flácida aguda, enquanto 29 casos tiveram manifestações mais ligeiras ou não apresentaram atingimento do SNC. Motivo particular de preocupação é a rapidez com que aumentam os casos.

A presença do vírus do Nilo Ocidental não é encarada como um fenómeno isolado do verão deste ano. Foram registados casos na Grécia nas épocas de 2010 a 2014 e de 2017 a 2025, sobretudo nos meses de verão e outono. No passado, a circulação do vírus, foi detectada em todas as Regiões do país. O aparecimento quase anual de casos a partir de 2010 indica que o vírus do Nilo Ocidental se encontra instalado na Grécia, tal como em outros países europeus. Considera-se esperada a deteção de mais casos, tanto nas zonas onde o vírus já circula como, eventualmente, em novas áreas. A extensão geográfica não pode ser prevista com segurança, uma vez que a epidemiologia do vírus é influenciada por muitos fatores diferentes. Por este motivo, as recomendações de proteção não se limitam aos residentes da Ática — região afetada nesta temporada —, ou dos municípios onde já foram registados casos[7].

Um armazém humanitário da OMS localizado em Dnipro, na Ucrânia, que armazenava materiais médicos para a linha da frente avaliados em cerca de 500 mil dólares, foi destruído depois de ter sido atingido 2 vezes em menos de 24 horas, em meio à guerra. Segundo Hans Kluge, diretor regional da OMS Europa, esses materiais permitiriam prestar assistência a cerca de 225 mil pessoas. Não há registro de vítimas. Foram 3 ataques: logo após o primeiro ataque, os materiais começaram a ser transferidos para outro local, mas 4 dias depois o armazém voltou a ser duplamente atingido: no primeiro episódio os materiais foram destruídos, no segundo, o edifício. Desde o início da guerra em 24 de fevereiro de 2022, registaram-se 3.149 ataques contra estruturas de saúde e 240 mortes, segundo dados da OMS. O portal global de vigilância da Organização regista 72 ataques contra armazéns e 646 incidentes em que foram afetados materiais médicos. Tanto o diretor regional, como o diretor geral da OMS, Tedros Adhanom, condenaram os ataques e clamaram pelo fim dos ataques contra cuidados de saúde[8].

Considerações Finais

Os diferentes episódios reunidos neste panorama revelam uma Europa diante de crises que já não podem ser tratadas como acontecimentos isolados ou excepcionais. Incêndios, secas e escassez de água mostram os efeitos cada vez mais concretos das mudanças climáticas; a crise migratória evidencia as dificuldades de gestão das fronteiras e de proteção de populações vulneráveis; o avanço do vírus do Nilo Ocidental expõe os impactos das transformações ambientais sobre a saúde; e a destruição de estruturas humanitárias na Ucrânia demonstra como a guerra continua a comprometer a capacidade de resposta às necessidades mais básicas.

[7] https://pt.euronews.com/saude/2026/08/13/virus-do-nilo-ocidental-doenca-alastra-se-na-grecia-com-atica-no-centro-das-atencoes. Acesso em 17/08/2026.

[8] https://pt.euronews.com/saude/2026/08/11/ucrania-ataques-noturnos-destroem-armazem-da-oms. Acesso em 17/08/2026.

Embora de naturezas distintas, essas crises compartilham características importantes: atravessam fronteiras, sobrecarregam estruturas nacionais e exigem respostas que nenhum país consegue oferecer isoladamente. A sucessão de emergências também evidencia os limites de uma atuação predominantemente reativa, baseada em responder aos acontecimentos depois que eles se tornam críticos. É justamente nesse ponto que ganha relevância a proposta da Comissão Lancet sobre a União Europeia da Saúde de substituir a lógica de "esperar e reagir" por uma estratégia de antecipação, prevenção e preparação.

Mais do que ampliar mecanismos de resposta a incêndios, epidemias, migrações ou conflitos, o desafio europeu parece ser construir maior capacidade de antecipação diante de riscos que se tornam simultaneamente ambientais, sociais, sanitários e geopolíticos. Isso significa integrar políticas, compartilhar recursos e informações, reduzir vulnerabilidades e fortalecer a cooperação entre os países. A resiliência europeia dependerá, portanto, não apenas da capacidade de reagir às próximas crises, mas de reconhecer suas conexões e preparar-se para elas antes que atinjam proporções ainda maiores.

O verão de 2026 oferece, nesse sentido, um retrato contundente de uma Europa pressionada por múltiplas frentes. A questão que se coloca para o bloco é se essas sucessivas emergências serão tratadas como episódios separados ou como sinais de uma transformação mais profunda do ambiente em que a Europa vive e das ameaças que terá de enfrentar. A resposta poderá determinar a capacidade da União Europeia de proteger sua população, preservar seus recursos e exercer, dentro e fora de suas fronteiras, um papel mais coordenado e estratégico diante das crises do século XXI.